CAMPO ARÁUZ, Lorena & APARICIO, Miguel (orgs.). 2017 *Etnografías del suicidio en América del Sur* Quito: Abya-Yala. 311p.

Íris Morais Araújo
USP

O livro, organizado por Lorena Campo Aráuz (Universidade Politécnica Salesiana, Equador) e Miguel Aparício (Universidade Federal do Oeste do Pará), reúne doze artigos que abordam o suicídio entre populações ameríndias ou de origem ameríndia no subcontinente. Assentado na pesquisa etnográfica, seu intuito é conferir visibilidade ao tipo de análise sobre o tema que valoriza a experiência e a reflexão desses grupos, o que implica levar em conta também as relações que estabelecem com outros coletivos de seus *socius*.

Do conjunto de autores, nove são de instituições brasileiras e realizam suas investigações entre grupos indígenas que vivem no país, enquanto os demais trabalham no exterior e investigam populações que habitam Peru, Equador e a fronteira entre Colômbia e Venezuela. A busca por parcerias que realizem trânsitos entre a antropologia praticada no Brasil e alhures é bem-vinda: na coletânea, tal aposta reverbera sua publicação no exterior e no formato bilíngue – os textos encontram-se em português ou espanhol – que ela acabou por adquirir.

O primeiro capítulo, de Ernst Halbmayer (Universidade de Margburg, Alemanha), foi publicado originalmente em 2008 em *Curare*, periódico da Associação Alemã de Antropologia Médica, e faz as vezes de introdução ao livro. O autor sintetiza as principais etnografias realizadas sobre o tema – efetivadas entre sete populações indígenas, e que inclui sua própria pesquisa junto aos Yukpa da Serra Perijá, na divisa entre Colômbia e Venezuela – e as confronta com teorias sociológicas e psicológicas. Os achados empíricos apontam para a facilidade com que indivíduos ativos cometem suicídio. Assim, não é possível corroborar a explicação de que o ato resulte da desintegração cultural ou do sofrimento existencial. Ademais, em parte desses grupos, as mortes já aconteciam antes do estabelecimento de relações com não indígenas. Por isso, não se pode reduzir o fenômeno à perda de autonomia dessas populações.

Entre os Yukpa, por exemplo, as motivações imediatas para as mortes são os conflitos matrimoniais. Porém, argumenta Halbmayer, suas motivações não são as emoções desencadeadas nesses momentos, e sim as bases cosmopolíticas em quais esses grupos se assentam e que os fazem conceber os suicídios de modo próprio. Não há uma desconexão imediata entre vivos e mortos, mas uma transformação gradual do duplo, ou espírito. No caso dos Yukpa, é após um conjunto de rituais que o morto se encaminha para outro mundo e só então abandona de vez sua família. O suicídio é, portanto, um modo de se separar daqueles que lhe são próximos.

A coorganizadora Lorena Campo Aráuz conviveu com a população de Lloa, localidade rural no entorno da capital equatoriana. Verificou que a explicação para os suicídios se associa à tensão entre o modo de vida rural e urbano. O conflito, contudo, não separa vivos e mortos. A recorrência de enforcamentos em uma mesma árvore, central no parque do lugarejo, permitiu-lhe notar que se trata de um autofuneral – como todo ritual, um modo de comunicação. Tal ato não se encerra em si mesmo, pois os mortos continuam a saber o que se passa e prosseguem em encontros com os vivos.

O estudo de Maite Bustamante (Instituto de Estudos Peruanos) trata do suicídio entre os jovens da cidade amazônica de Nauta, no Peru. Embora não se identifiquem como indígenas, são descendentes dos Kokama. As mortes autoprovocadas são dos que fracassam na tentativa de prosseguir os estudos, que lhes garantiria trabalhos melhores e os afastaria da economia de subsistência e do modo de vida indígena. Em parte, os suicídios se relacionam ao jogo da *ouija*, que ali se associa aos espíritos Kokama: pede-se algo, como dinheiro, e se garante uma retribuição. Quando não se alcança o objetivo, a morte se torna uma opção.

No trabalho de Elaine Moreira (Universidade Federal de Roraima) entre os Ye'kuana, há explicações discrepantes para o suicídio. Para os não indígenas que convivem com o grupo, a depressão, o álcool ou a frequência à escola são causas das mortes; para os Ye'kuana, elas resultam da aproximação de seres não humanos, manejados por xamãs. As soluções também divergem. As ações da política de saúde mental constroem um processo de subjetivação centrado no falar de si; na escola, a fala é coletiva, sobre a cultura. O grupo, por seu turno, continua a realizar, mesmo na cidade, uma série de cuidados, como cantos, refeições e resguardos.

Maria Isabel Bueno (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ao pesquisar

o suicídio entre os Ticuna, verifica que as mortes, realizadas em situações de conflito afetivo, resultam da ofensiva de entes sobrenaturais e é engendrada por feiticeiros. Não apenas os pajés seriam responsáveis pelas mortes, como também aqueles que conhecem o Livro de Magia de São Cipriano. Assim como os habitantes de Nauta estudados por Bustamante, que jogam a *ouija* para obter certos resultados, na explicação Ticuna, os iniciados na publicação fazem uma espécie de pacto com o diabo. Se o trato falha, atentam contra a vida.

A investigação de Beatriz Matos (Universidade Federal do Pará) se centra nas mortes por enforcamento entre os Matses. Para tal população, elas estão relacionadas a ataques de espíritos. As ofensivas passaram a ocorrer após deixarem de realizar o principal ritual de iniciação masculina do grupo. Nesse ritual, o grupo recepcionava os espíritos e, reciprocamente, visitava a morada desses seres. Diante do encerramento de comunicação entre os dois grupos, nos momentos em que há um encontro entre os mesmos – especialmente se estão sozinhos na floresta –, tem-se o ataque: o jovem pode se deixar levar pelo espírito, indo viver com ele.

Os Suruwaha, conhecidos pelo altíssimo número de suicídios, realizados pela ingestão do timbó, são assunto de dois capítulos. O estudo de João Dal Poz (Universidade Estadual de Montes Claros), versão revisada de artigo publicado em 2000 na *Revista de Antropologia*, demonstra a relevância das "condutas lutosas": a opção pelo envenenamento por vontade de estar junto daqueles que se mataram anteriormente. Notando um *socius* homogêneo e integrado – contrário da imagem clássica de populações atomizadas em pequenas aldeias, cada uma com um xamã, trocando incessantemente acusações de feitiçaria entre si –, o autor verifica que os suicídios são um contraponto a tamanha unidade. Assim, a ingestão de timbó interioriza no grupo a sua dissensão, construindo a diferença a partir da divisão entre vivos e mortos.

O capítulo do coorganizador Miguel Aparicio, por sua vez, verifica os efeitos no grupo das analogias entre o cristianismo e a cosmopolítica indígena produzidas por missionários. Para eles, Jesus tomou timbó para salvar a humanidade. Assim, os Suruwaha estariam absorvidos de seus pecados e não precisariam prosseguir com sua prática. Contudo, tal população se entende como "presa do veneno": as mortes ocorrem porque o timbó, xamã não humano, é predador dos Suruwaha. Ao tornar Jesus um grande pajé, o grupo, longe de abandonar a ingestão do veneno, se transforma em "presa de Jesus".

Orlando Calheiros (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), ao abordar os Aikewara, população que vive no sudoeste do Pará, narra o enforcamento de um jovem que amava objetos não indígenas. A morte, todavia, não o aniquilou inteiramente, pois restou seu espectro. Esse duplo não possui vontade própria: é submisso ao desejo do vivente. Preso para sempre no mundo das mercadorias, o destino do rapaz é, portanto, consequência direta do contato. Tal experiência, genocida, ganhou contornos dramáticos durante a ditadura. Os militares, na repressão à guerrilha do Araguaia, obrigaram os homens a realizar trabalhos forçados, e mantiveram as mulheres e crianças em cárcere privado.

Os Karajá, que registraram o primeiro suicídio já no século XXI, também são mote de dois capítulos. A contribuição de Helena Schiel (Universidade Federal do Oeste do Pará) analisa o enforcamento do jovem Tebutxué, levando em conta a dívida que o homem obtém assim que se casa. Entre o grupo, um casal que é visto em encontros amorosos é forçado a viver junto. Segundo o padrão de residência uxorilocal, o noivo se muda para a casa da esposa. Quem se recusa – voltando a viver com a mãe – é alvo de um espancamento socialmente codificado, em que os parentes da esposa batem no noivo e também em seus familiares. O rapaz, em tensão com essas regras, acabou por se enforcar.

De acordo com o trabalho de Eduardo Soares Nunes (Universidade Federal do Oeste do Pará), a feitiçaria, por sua vez, passou a ser apontada pelos Karajá como principal causa para os suicídios. O feitiço que "amarra a garganta" consiste em atingir flechas invisíveis na vítima, que passa a sentir medo e raiva e a ouvir vozes com sugestões de se matar. O atingido passa a agir de forma hostil, como um não parente, mas o cuidado da família – reforçando a etiqueta com a qual os próximos devem ser tratados, como utilizar uma fala calma e correta, e incluindo ainda a procura por xamãs – é fundamental para que o quadro não evolua até a morte.

A coletânea se encerra com a contribuição de Spensy Pimentel (Universidade Federal do Sul da Bahia), que joga luz sobre os suicídios entre os Guarani e Kaiowa. As mortes são percebidas como um dos problemas que enfrentam na contemporaneidade, período no qual passaram a viver confinados em reservas e enfrentar conflitos agrários. Para o enfrentamento do problema, é necessário, portanto, outro modo de vida, no qual a demarcação de terra é fundamental. O autor chama a atenção para como o uso da ideia de suicídio, como parte da cultura, é conveniente num contexto genocida, em que graves violações de direitos ocorrem há décadas.

Em *Etnografías del suicidio en América del Sur*, o especialista em etnologia ameríndia encontra uma amostra de trabalhos concluídos recentemente e que cumprem, antes de tudo, o papel de adensar a temática da coletânea. A profusão de situações empíricas, todavia, permite vieses comparativos também em relação a outros assuntos incontornáveis à disciplina, como, por exemplo, morte, feitiçaria ou relação com não indígenas.

O conjunto se presta, ainda, para a realização de uma crítica etnográfica da noção de suicídio – e, nesse sentido, o livro interessará a um público mais amplo do que o formado pelos especialistas. Ao se aproximarem de elaborações, tais como as de que um autoaniquilamento pode ser um assassinato realizado por outrem ou de que vivos e mortos podem conviver, os autores assinalam, cada um a sua maneira, os limites da ideia ocidental do termo, e que pode ser resumida como o homicídio de si mesmo. A palavra "suicídio" se torna, assim, apenas uma aproximação ocidental possível às práticas das populações que protagonizam os estudos ali reunidos, e não chave explicativa para as mortes que nelas ocorrem.

Recebido: 29/04/2018
Aprovado: 07/05/2018

Íris Morais Araújo é doutora em Antropologia Social pela USP, com estágio doutoral no Centre d'Enseignement et de Recherche en Ethnologie Amérindienne da Université Paris Nanterre. Foi professora adjunta substituta no Instituto de Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo. É autora de *Militão Augusto de Azevedo: fotografia, história e antropologia* (São Paulo: Alameda, 2010). Contato: imaraujo688@gmail.com